

ALUCINADA AULA

Gerlândia de Castro Silva
gerlandia@ufpa.br

Um peralvilho, um *mostro de Frankenstein*¹ com seus trapos, seus arremedos, suas hibridezes e sua abjeção um dia pensou ser possível transitar sem ser notado pelos caminhos que levam a uma sala de aula, porém não sabia se desejava chegar lá. Observou dia após dia um quadro pintado através de uma janela disposta em um prédio que ficava em frente às salas de aula. No quadro risos, gracejos, passos, mochilas, lanche, muitas falas, manifestavam-se com cor e som nos bastidores labirínticos que levariam àquele lugar em que observou até perder a noção de tempo. Por um instante pensou que estivera mirando pela janela há quase cinco minutos; também não sabia se eram dias, pois estava numa viagem antecipada e, por vezes, adiada, o que lhe pareceu ser desperdício de tempo. O tempo medido, tempo regrado, tempo moderno aprisionado em uma redoma de controle. Pois *Aion* e *Chronos*², contrariando e confabulando com Deleuze³, perderam-se no *devir* de um instante alongado, aprofundado, mas quebrado, subdividido ao infinito, disperso sem passado e futuro, não captável, mais que sorção, labirinto de tempo, ciclone, redemoinho, fios dispersos e confusos que não reornariam à *Ariadne*⁴; plasticidade de tempo desordenado, abstruso, variado; tempo alucinado, insano, alienado, inconsciente, jorrado, usurpado, refluído em um eterno *devir* tempo, que misturava as tarefas dos *Eclesiastes*⁵ com o *vir a ser* de Heráclito e o *carpe diem* de Horácio. O tempo de um *revivre* que torcia e destroncava toda cronologia, uma vez que tinha uma rapidez incipiente e uma lentidão embrionária. Ao observar pela janela, o *revivre* não trazia as mesmas sensações, pois que, a cada ocorrência, resignificações eram produzidas. O quadro contemplado através de uma janela e a movimentação dos jovens pelo corredor fez resignificar a expectativa de entrar numa sala de aula pela primeira e inúmeras vezes: olhares, cochichos, pequenos comentários, risos e apelidos. Jovens chamando uns aos outros pelo nome do professor a fim de constrangê-los por uma provável orientação sexual. A pintura parecia-se ao *Jardim das delícias terrenas*⁶, pois, mesmo em *tríptico*, misturava inferno e paraíso na terra, com seus protagonistas desinibidos celebrando os prazeres da carne, a efemeridade da vida e a passagem etérea, mas carnal e terrena, do gozo e do prazer. Um ritual tribal logo se fez sentir e, a certa profundidade, todos estavam contagiados pelo êxtase que os fazia gargalhar e proferir frases

diversas e confusas constantemente. Um erotismo se instalou: mãos eram acariciadas; frases eram ditas aos ouvidos e risos acompanhavam os comentários sobre triângulos, círculos e cilindros do corpo, cada um com seu peso e sua medida sensual até ouvir-se um entoado “Bom dia!” Que não surtira efeito algum. Então pensou que não deveria estar ali e, já que poucos o notaram, poderia escapar a tempo. Ao ensaiar uma saída viu-se sem portas e, sem poder sumir, voltou então ao plano “a” que seria mostrar toda a sua competência numa preleção erudita, ainda que quase ciente de que, desde Anchieta até as práticas tirânicas atuais, ninguém quer mais ouvir sermões. Uma coisa, porém, era olhar através do vidro embaçado da janela e atualizar a experiência de uma aula, e, outra coisa seria descer as escadas e arrastar-se à sala. O caminho até a sala de aula, embora forrado por blocos de concreto encharcados de água que respingavam nas calças a cada passo, não era longo, porém, até as escadarias, teria que passar pelos rapazes que, em burburinhos de albatrozes, aguardavam o professor de engenharia. Muitos homens! Com suas camisas de manga arregaçadas ou com o estilo *baby look*, desenhando o corpo. Em certo momento e lugar, e com o equipamento adequado, filmaria com uma super câmera, para rever, com imagens lentas, o enrijecimento dos músculos das faces bronzeadas pelo sol de quarenta graus do inverno paraense, e os braços, alguns franzinos e outros selvagens, como os trabalhadores do mar. Ansiedade e vontade de poder misturaram-se suturando um desejo de comer o outro, degustar, bastar-se e transbordar-se no outro, tragar, embriagar e encantar-se por um domador de serpentes, um *Poseidon*⁷ furioso inquietado, tirado do lugar seguro, provocando *tsunamis*, arrebatando e arremessando para zonas fronteiriças, tornando, por instante, um *amigo íntimo*, que revolve a cordilheira fria em chamas e abrandava-a depois que aquece a atmosfera, promove animalidades intrigantes, hibridismos da serpente com o humano, da vegetação com a pele, das hidras com a boca, da criatura terrestre com o espectro, das larvas com o suor e do narciso⁸ com a libélula, fazendo parte do desejo de experimentar o outro. Em um estalo se percebe fitado por um dos rapazes, porém não esboça reação e, com um breve “Olá”, sobe as escadas. Junto à classe, procura vivenciar uma lógica, arriscando-se a acreditar ser esta lógica a mais coerente para o momento, pois pretende uma aula com princípio, meio e fim e, aos moldes deweyanos⁹ ou tylerianos¹⁰, arruma os cadernos, faz a chamada, projeta slides, recorre à didática, a metodologias, ao silêncio, à conferência, à entonação da voz, contudo perde-se na incoerente lógica do delírio e atira para o alto toda aquela parafernália pedagógica para conspurcar os sentidos, provocar escarcéu e recriar os sítios da sala de aula; palpita, range os dentes, salta, faz carrancas, rasga as máscaras, coloca outras, desmente, contesta, simula, faz circular outros discursos, mais leves, menos universais, menos redentores. A insanidade se elogia

em desconexão, desencontro. Algo se movendo em direção oposta e voltando como uma onda provocada por um cisma no oceano, força que consome o entusiasmo, suga-o, chacoalha-o, embebe, pulveriza fragmentos de hemoglobina, rasteja, ascende e declina bruscamente, serpenteia pelo corpo, retira do chão e lança no assento de um balanço circense. Amaldiçoa e degrada às canchas mais insalubres até enfastiar, esgotar a escrita, tanger a leitura e arrastar o mais avisado leitor. Pois a estranheza da sala de aula tem a inclinação de causar espantos, admiração, perplexidade, porque nela se lida com um albergue de feitiçaria e com a alquimia do não saber. Conspiram-se ações iníquas, destroem-se as arquiteturas, constroem-se habitações para o improvável. Na sala de aula, os aventureiros químicos embebem-se no alambique desconhecido e vestem-se com formas insujeitas de andrajos e experimentam maneiras retorcidas de vesti-los. Por muitos olhos de serpente da Medusa se pode ver a aula: são olhares que desejam, buscam e querem penetrar na penumbra para confundir a distinção de corpos, formas, cabeças e ventres; que compõem prolongamentos inertes como farrapos assexuados; que instalam a promiscuidade no assombro híbrido, um sinistro espectro humano. Olhos que geram a poluição de mentes e linguagens; a conjuração da abjeção; a conspiração com o execrado, sedentos pela carne, pele, ossos. Sortilégio demente, que deflora a inteligência, o cognitivo, o pensar e que pensa, narra e produz seres nômades: *The walking dead*¹¹, não os mortos, mas os vivos, como na série, perambulantes, errantes, vagantes, vagalumes, insetos fétidos, perdidos, desnorteados, *Lost in Space*¹², e o espaço é composto de infinitudes, embarcando em jangadas sem leme, sem bússola, sem egressão. Olhos que desejam arruinar-se no perigoso labirinto e demonstrar as faces ofioideas, desnudas, superficiais, na margem cantando para seduzir a besta: *Grendel*, um *troll*¹³, criança, insana, confusa com a cantoria e com a batucada aborígine no gozo da feitiçaria, encanta-se pela farra excomungada de mandingueiros que esfregam os corpos desvestidos, desvirtuados, para produzir calor, suores em êxtase contagiante e os procura devorar. Alegria contagiante é o espaço de sala de aula, que incomoda e põe o monstro para dançar, com seus artrópodes rastejando sob o luar; com o coachar dos sapos no pântano denso onde a feiticeira esbraveja contra os deuses e pelos demônios, ansiosa, como Lucy¹⁴ pelo hálito sombrio da encantada besta de Bram Stoker¹⁵; anfiteatro de tiranos, purgatório sem almas; espíritos visíveis que cambaleiam e, em instantes amontoam-se, em instantes fogem da luz. Pensou que transitaria pela sala de aula pela primeira vez, mas já ministrava aquela disciplina há anos. Continuou, então, a passos incertos sem olhar para trás, em *devoir* – Esta é uma sorte que poucos têm, do trânsito aventureiro de sala de aula – pensou.

¹ Mary Shelley, 1831.

² Conceitos e deuses do tempo na mitologia grega.

³ Deleuze, Gilles (1969). **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

⁴ Filha de Minus, rei de Creta, na mitologia grega.

⁵ Livro poético da Bíblia.

⁶ *Jardim das delícias terrenas*. Hieronymus Bosch, 1504.

⁷ Deus do mar na mitologia grega.

⁸ *Narcissus* ou *Flor de Narciso*.

⁹ John Dewey, Filósofo e pedagogo estadunidense.

¹⁰ Ralph Tyler, educador estadunidense.

¹¹ Um dos *hits* atuais da TV norte-americana, *The Walking Dead* é uma série de televisão que mistura drama e suspense pós-apocalíptico tendo como pano de fundo a presença de Zumbis, mas que se refere ao perambular dos sobreviventes. É dirigida por Frank Darabont, desde 2010, a partir da série de quadrinhos de Robert Kirkman.

¹² *Perdidos no Espaço* é uma série norte-americana desenvolvida entre 1965 e 1968, por Irwin Allen que contava as aventuras da família Robinson no espaço, a bordo de uma nave.

¹³ *Grendel*, uma espécie de *troll* criança é uma criatura antropomórfica imaginária do folclore escandinavo. Tida como ogro ou gigante, humanoide pouco inteligente e rebelde.

¹⁴ Lucy, personagem seduzida pelo *Drácula* de Bram Stoker, romancista irlandês.

¹⁵ Stoker, B. **Drácula**. Trad. de Theobaldo de Souza. Porto Alegre, L&PM, 1993.